

A influência do tratamento fonoaudiológico na aquisição das líquidas não-laterais do português

Adelaide Ckmann, Aline das Dores, Deisi Vidor,
Patrícia de Lima, Roberta Isolan e Rosane Agustini*



1 Introdução

Vários estudos lingüísticos, tanto sobre a aquisição normal da fonologia como daquela com desvios, em diversas línguas, apontam a classe das líquidas como aquela de domínio mais tardio e complexo (Stoel, Gammon e Dunn, 1985; Ingram, 1976/1989; Yavas, 1988; Hernadorena, 1990; Lamprecht, 1990; Santos, 1990; Motta, 1996).

Jakobson, em sua obra intitulada *Child language, aphasia and phonological universals* (1941/1968), na qual analisa várias línguas, vai mais longe e mostra que, dentre as líquidas, a não-lateral é a última a ser adquirida pelas crianças e a primeira a ser perdida nos casos de afasia, o que revelaria sua maior complexidade se comparada às líquidas laterais. Além disto, a prática fonoaudiológica também aponta estes segmentos como os que com mais freqüência aparecem alterados na fala de crianças com DFE.

Com base nestes dados, o presente trabalho teve por objetivo verificar a aquisição das líquidas não – laterais em crianças submetidas à terapia fonoaudiológica a fim de averiguar a influência do tratamento na ordem de aquisição destes segmentos nesta população específica.

Os resultados obtidos foram comparados com aqueles apresentados por Miranda (1996) e Vidor (2000) que estudaram a aquisição destes fonemas por crianças com DFN e com DFE sem tratamento específico, respectivamente.

* IMEC – Instituto Metodista de Ensino e Cultura, Porto Alegre.

A partir desta comparação buscou-se evidenciar semelhanças e diferenças entre estas 3 populações e, desta forma, contribuir para a prática fonoaudiológica, levando os profissionais desta área a buscar novos subsídios para as suas terapias, especialmente aqueles fornecidos pela lingüística.

2 Metodologia

O *corpus* da presente pesquisa é constituído por vinte crianças (quinze meninos e cinco meninas) em atendimento entre os meses de Junho a Setembro de 2000 nas Clínicas Integradas IPA/IMEC, com diagnóstico de Desvio Fonológico Evolutivo e que apresentassem, em particular, distúrbios na aquisição das líquidas não-laterais. Foram selecionadas somente aquelas crianças que não apresentavam outro distúrbio que pudesse interferir na sua fala, bem como aquelas que estivessem na faixa etária de 4 a 10 anos. Esses cuidados foram tomados no sentido de não mascarar os dados, por interferência de outro fator que não aqueles que estamos controlando. As idades mínima e máxima foram estabelecidas, por um lado, de acordo com a própria caracterização do Desvio Fonológico Evolutivo, o qual só se manifesta após os 4 anos de idade (Grunwell, 1990) e, por outro, porque se acredita que uma criança com mais de 10 anos de idade; que ainda não tenha superado este distúrbio, provavelmente teria outros fatores associados a ele.

O material usado na pesquisa constou de fichas contendo palavras com os fonemas /r/ e /R/ retiradas do instrumento Avaliação Fonológica da Criança (Yavas, Hernandorena e Lamprecht, 1991) que deveriam ser elicitadas pela mesma e questionário a ser preenchido pela terapeuta e/ou terapeutas anteriores que trataram da criança.

A terapeuta foi instruída a motivar a criança a nomear espontaneamente, de forma lúdica, as figuras selecionadas.

Após a coleta da amostra os dados foram transcritos e revisados com base no alfabeto fonético internacional em fichas previamente elaboradas.

Depois de transcritos, os dados foram codificados com relação a fatores sociais (sexo, idade e lateralidade) e lingüísticos (posição silábica, tonicidade, contexto precedente e contexto seguinte).

Os dados codificados foram digitados em arquivos especiais (um para o /r/ e outro para o /R/) para serem submetidos à análise estatística fornecida pelo Pacote VARBRUL.

De posse das porcentagens e probabilidades fornecidas pela análise estatística procedeu-se à descrição da ordem de aquisição

das líquidas não laterais pelas crianças em tratamento fonoaudiológico. Estes resultados foram, então, comparados com o trabalho de Miranda (1996) sobre a aquisição das róticas por crianças com desenvolvimento fonológico normal e de Vidor (2000), que traça a ordem de aquisição destes mesmos segmentos para crianças com Desvio Fonológico Evolutivo sem tratamento específico.

3 Resultados

Os resultados preliminares desta pesquisa apontam para a negativa da hipótese inicial: o tratamento fonoaudiológico não interfere na ordem de aquisição das líquidas não-laterais.

Podemos observar, primeiramente, através dos dados apresentados na Tabela 1, que a aquisição do r-forte é facilitada em relação à aquisição do r-fraco, o que já se evidencia nos dois primeiros trabalhos (Miranda, 1996 e Vidor, 2000).

Tabela 1
Produção correta das líquidas não-laterais nos três grupos estudados

	DFN	DFE s/ tto	DFE c/ tto
R-Forte	76%	74%	82%
R-Fraco	37%	29%	44%

Por outro lado, os resultados expostos na tabela mostram claramente um melhor desempenho das crianças em tratamento fonoaudiológico, o que demonstra que o mesmo propicia um incremento na produção correta destes fonemas.

Ao analisarmos separadamente o r-forte, pudemos verificar que o índice de produção correta do mesmo nos três grupos é bem superior ao índice de não produção (omissão ou substituição). Além disso, a Tabela 2 demonstra que, quando a criança enfrenta problemas na realização deste segmento ela prefere omiti-lo do que substituí-lo por outro.

Tabela 2
Produção de r-forte nos três grupos estudados

R FORTE	DFN	DFE s/ tratam.	DFE c/ tratam.
Produção correta	76%	74%	87%
Omissão	16%	16%	9%
Substituição	8%	10%	3%

A análise do r-fraco também revela semelhanças entre os grupos de crianças com DFN e aqueles com DFE, com ou sem tratamento específico. A Tabela 3 mostra que o índice de produção correta deste segmento é inferior ao de não produção, o que indica sua maior complexidade se comparado ao r-forte.

Tabela 3
Produção correta de r-fraco nos três grupos

R FRACO	DFN	DFE s/ tratam.	DFE c/ tratam.
Produção	37%	29%	44%
Não-produção	63%	71%	56%

Quando a criança enfrenta problemas na produção correta do r-fraco, a escolha do processo a ser utilizado para superá-lo varia de acordo com a posição silábica que o segmento ocupa na palavra.

Tabela 4
Omissões e substituições de r-fraco
de acordo com a posição silábica nos três grupos estudados

R FRACO	CODA		ONSET COMPLEXO		ONSET SIMPLES	
	Omissão	Subst.	Omissão	Subst.	Omissão	Subst.
DFN	53	6	72	3	11	41
DFE s/ tratamento	67	8	80	3	18	34
DFE c/ tratamento	43	16	55	4	18	38

A Tabela 4 revela que, quando o r-fraco está em posição de coda ou como segundo elemento de um onset complexo, as crianças dos três grupos tendem a omiti-lo, enquanto que, quando este segmento ocupa a posição de onset simples, a substituição por outro segmento é preferida tanto por crianças com DFN como com DFE. Esse comportamento diferenciado do segmento parece antes ser fruto da complexidade fonotática do que da complexidade fonética do /r/.

Os resultados obtidos com esta pesquisa também permite-nos afirmar a maior incidência de crianças do sexo masculino com este tipo de distúrbio (numa proporção de 3:1, assim como relata Menezes, 1999). As demais variáveis sociais indicam que a lateralidade não é fator interveniente na produção correta das líquidas não-laterais, sendo a grande maioria dos entrevistados destro. A idade,

assim como nos demais estudos, revela-se um fator importante, sendo que o incremento da idade proporciona um melhor desempenho na produção correta dos segmentos.

Maiores detalhes sobre os demais fatores linguísticos dependem de uma análise mais aprofundada.

4 Conclusões

O atual quadro desta pesquisa permite-nos dizer que, primeiramente, o tratamento fonoaudiológico não altera a ordem de aquisição das líquidas não-laterais, o que indica que esta ordem, encontrada nos trabalhos de Miranda (1996), Vidor (2000) e neste pode ser de grande valia para o fonoaudiólogo que busca diagnosticar e/ou tratar do distúrbio deste segmento em especial.

Por outro lado, ficou claro que o tratamento fonoaudiológico incrementa o desempenho de produção correta das crianças nos dois segmentos estudados, apontando para sua validade destes casos de desvio fonológico evolutivo.

Em contrapartida, pudemos observar que, no que se refere ao r-fraco, o índice de não-produção correta deste segmento é semelhante nas três posições silábicas ocupadas por ele dentro da palavra (ver Tabela 4), ao contrário do que aconteceu com os outros dois grupos, que revelaram grande dificuldade quando o /r/ ocupava a posição de segundo elemento de um onset complexo. Esse dado talvez tenha relação com os relatos dos fonoaudiólogos obtidos neste trabalho, os quais indicam que esses profissionais, no ambiente por nós pesquisado, não dão importância à posição silábica que o /r/ ocupa quando da seleção dos alvos a serem trabalhados com a criança. Não é possível afirmar que um tratamento que respeite a ordem de aquisição traçada para as líquidas não-laterais tenha melhores resultados do que aqueles que não levam esse dado em consideração. No entanto, uma pesquisa prática que comparasse esses dois caminhos seria de grande valor e estão nos planos dos autores.

Por fim, há que se salientar que esta é uma pesquisa piloto e que seus resultados, uma vez que o corpus não é tão grande (apenas 20 crianças) quando comparado com os utilizados por Miranda (1996) e Vidor (2000), devem ser interpretados com cautela. Além disso, o fonoaudiólogo que entrar em contato com este trabalho deve estar consciente que esta pesquisa aponta um caminho, mas não pode ser encarado como receituário, uma vez que trabalhamos com pessoas e a variação individual é grande. Devemos ter sempre em mente que esses dados colhidos transversalmente dão características gerais de um grupo específico, mas raramente se aplicam a uma pessoa real, ao paciente que procura nosso atendimento.

Referências bibliográficas

- GRUNWELL, Pamela. Os desvios fonológicos evolutivos numa perspectiva lingüística. In. YAVAS, Mehmet S. (org.). *Desvios fonológicos em crianças: teoria, pesquisa e tratamento*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. p. 51-82.
- HERNANDORENA, C. *A aquisição da fonologia do português: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos*. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 1990.
- INGRAM, D. *Phonological disability in children: studies in disorders of communication*. 2. ed. London: Whurr Publishers, 1976.
- . *First language acquisition: method, description and explanation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- JAKOBSON, Roman. *Child language, aphasia and phonological universals*. The Hague: Mouton, 1968.
- MENEZES, Gabriela Ribeiro Castro. *A consciência fonológica na realização fala/escrita em crianças com DFE*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, PUCRS, 1999.
- MIRANDA, Ana Ruth Moresco. *A aquisição do 'r': uma contribuição à discussão do seu status fonológico*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- MOTA, Helena Boli. *Aquisição segmental do português: um modelo implicacional de complexidade de traços*. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada) – Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 1996.
- SANTOS, Raquel Santana. A aquisição da estrutura silábica. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, jun. 1998. p. 91-98.
- STOEL-GAMMON, C.; DUNN, C. *Normal and disordered phonology in children*. Baltimore: University Park Press, 1985.
- VIDOR, Deisi Cristina Gollo Marques. *Aquisição das líquidas não-laterais por crianças com desvios fonológicos evolutivos – descrição, análise e comparação com o desenvolvimento normal*. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada) – Pós-Graduação em Letras, PUCRS, Porto Alegre, 2000.
- YAVAS, Mehmet. Padrões na aquisição da fonologia do português. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 23, n. 3, 1988. p. 7-30.
- YAVAS, Mehmet S.; HERNANDORENA, Carmen Lúcia M.; LAMPRECHT, Regina Ritter. *Avaliação fonológica da criança: reeducação e terapia*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.